

**SEXUALIDADE COMO DESEJO NO CONTO “SARGENTO GARCIA” DE CAIO FERNANDO ABREU**

Dhemersson Warly Santos Costa  
[dhemerson-santos@hotmail.com](mailto:dhemerson-santos@hotmail.com)  
<http://lattes.cnpq.br/8840721380992544>

Maria dos Remédios de Brito  
[mrdbrito@hotmail.com](mailto:mrdbrito@hotmail.com)  
<http://lattes.cnpq.br/6896268801860211>

**RESUMO**

O artigo pondera uma leitura interpretativa da literatura de Caio Fernando Abreu, refletindo sobre a sexualidade como desejo no conto “Sargento Garcia”. O mote argumentativo perpassa pela interpretação de que o desejo, enquanto produção, é o motor que movimentar os personagens Hermes e Sargento Garcia na experimentação do corpo e da sexualidade para além das identidades demasiadamente conservadoras, desabando o corpo de desejo diante do acontecimento mais singular, o encontro intensivo entre dois corpos.

**Palavras-chave:** Literatura; Caio Fernando Abreu; Filosofia da diferença; Sexualidade; Desejo.

**Para ensaiar o com(passo)**

O presente artigo pretende ponderar ressonâncias entre a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari e a literatura de Caio Fernando Abreu refletindo sobre a sexualidade como desejo no conto Sargento Garcia, originalmente publicado na obra “*Morangos Morfados*” (1982). Partimos da interpretação de que o desejo, enquanto produção no sentido deleuzeguattariano, é o motor que movimentar os personagens Hermes e Sargento Garcia na experimentação do corpo e da sexualidade para além das identidades demasiadamente conservadoras que se figura em uma sociedade regida pela ditadura militar.

Deleuze e Guattari não fazem em suas obras conexões com a literatura de Caio Fernando Abreu, entretanto, o enredo ficcional da obra caiofernandeano apresenta toda uma potência para movimentar a filosofia desses autores, em especial nesta pesquisa os conceitos de “desejo” e “corpo sem órgãos”, os quais foram tomados como inspiradores

“como fio vermelho a construção textual, como uma espécie de ar” (BRITO, 2015) para fomentar as discussões a sexualidade.

## **Corpos desabando de desejo...**

O conto “*Sargento Garcia*” é narrado em primeira pessoa por Hermes. O personagem, um garoto de apenas 17 anos, relata ao leitor sua primeira experiência sexual com um homem, Luiz Garcia de Souza, o Sargento Garcia. A trama inicia com Hermes se apresentando a justiça militar. Na fila, junto aos outros rapazes, o jovem Hermes chama a atenção do Sargento Garcia que passa implicar com o rapaz: “Eu chamei Hermes. Quem é essa lorpa” (ABREU, 2015, p. 109); “Ficou surdo, idiota?” (ABREU, 2015, p. 110); “Tem cera nos ouvidos pamonha?” (ABREU, 2015, p. 110); “Esquece. E não pisca, bocó. Só quando eu mandar” (ABREU, 2015, p. 111); “Está com medo, moloide”? “Mocinho delicado, hein? É daqueles bem-educados, é? Pois se te pego num cortado bravo, tu vai ver o que é bom pra tosse, perobão” (ABREU, 2015, p. 113). Terminada a inquirição, Hermes é dispensado do serviço militar, arrimo de família. Na saída, já a caminho de casa, o jovem é abordado por Sargento Garcia que lhe oferece carona em seu Chevrolet antigo até o ponto de ônibus, a qual é prontamente aceita. No carro, os personagens iniciam um rápido diálogo, Garcia “não parecia mais um leão, nem general espartano. A voz macia era de um homem comum sentado na direção de seu carro” (ABREU, 2015, p. 110), culminando com um convite de Garcia “Escuta, tu não tá a fim de dar uma chegada comigo num lugar aí?” (ABREU, 2015, p. 122), resposta que será dada pelo próprio sargento “Claro que quer. Estou vendo que tu não quer outra coisa, guri” (ABREU, 2015, p. 123). Em seguida:

Pegou na minha mão. Conduziu-a até o meio das pernas dele. Meus dedos se abriram um pouco. Duro, tenso, rijo. Quase estourando a calça verde. Moveu-se, quando toquei, e inchou mais. “Cavidades-porosas-que-se-enchem-de-sangue-quando-excitadas”. Meu primo gritou na minha cara: maricão, mariquinha, quiáquiáquiá. O vento descabelava o verde da Redenção, os coqueiros da João Pessoa. Mariquinha, maricão, quiáquiáquiá. E não, eu não sabia.

Tudo era novo para o jovem, “Nunca Fiz isso” (ABREU, 2015, p. 123) dispara Hermes ao seu destinatário, sargento Garcia, o qual irradiado por uma estranheza o questiona “Mas não me diga. Nunca? Nem quando era piá? Uma sacanagemzinha ali, na beira da sanga? Nem com mulher? Com china de zona? Não acredito. Nem nunca barranqueou égua? Tamanho homem” (ABREU, 2015, p. 123), diante da resposta negativa, Garcia se oferece para ensiná-lo. Hermes aceita:

Traguei fundo. Uma tontura me subiu pela cabeça. De dentro das casas, das árvores e das nuvens, as sombras e os reflexos guardados espiavam, esperando que eu olhasse outra vez direto para o sol. Mas ele já tinha caído no rio. Durante a noite os pontos de luz dormiam quietos, escondidos, guardados no meio das coisas. Ninguém sabia. Nem eu. — Quero — eu disse (ABREU, 2015, p. 123)

Ambos os personagens habitam uma sociedade marcada pelo autoritarismo militar, pelo binarismo dos modelos sociais e pelas concepções demasiadamente conservadoras. Todavia, os personagens traçam nessa mesma sociedade suas linhas de fuga inventivas, aberturas para experimentação da sexualidade e da vida, sem, entretanto, demarcar um lugar identitário. Esse parece ser todo o esforço de Caio Fernando Abreu em seus contos, dar os seus personagens a experimentação, demarcando uma textualização histórica relacionada ao período de repressão, intolerância e violência da ditadura militar, bem como, também, o desconforto dos seus personagens frente às normatizações que lhe são impostas, sem, entretanto, reduzir-se apenas a esfera da denúncia, na medida em que seus escritos produzem abalos nos sistemas de organização social, dentro e fora do contexto ficcional, criando linhas de fugas inventivas, povoando o deserto a vida de n’ possibilidades de existência.

Interessa-nos, sobretudo, perguntar quais as forças produtivas que arrastam o Sargento Garcia e Hermes desse lugar comum de autoritarismo engendrado pelas linhas molares de codificação social para o campo da experimentação de uma sexualidade outra? Quais as forças operam uma desterritorialização do Sargento Garcia do território fechado do militarismo, marcado pela exaltação da figura do homem “macho”, levando-o a relação sexual com outros homens? Que forças atravessam o corpo de Hermes, levando-o a aceitar o convite do Sargento Garcia, mesmo depois de momentos duros de

repressão e violência? Que instâncias produtivas movimentam os personagens pelo deserto árido da vida, levando-os a máxima experimentação da sexualidade? Essas questões são mais bem respondidas quando pensamos a sexualidade como desejo produtivo.

A sexualidade é um território fértil para o campo dos estudos de subjetividade, sendo um dos vários modos de produção humana, dentre esses modos, destaca-se a visão psicanalítica do desenvolvimento sexual a partir da trama provocativa edipiana, colocada como princípio para toda produção de sexualidade. Édipo, ditador, é o princípio pelo qual toda a sexualidade humana será organizada. Nada escapa das tramas provocativas de Édipo.

Essa noção será criticada por Deleuze e Guattari em “O Anti-Édipo” (1976), inserindo a sexualidade em um campo diferente dos domínios identitários psicanalíticos. Para isso era preciso conectar a sexualidade a concepção de desejo como produção, uma ruptura dos autores com o pensamento chancelado como hegemônico para falar de sexualidade, a psicanálise, e com a própria tradição filosófica platônica. Sexualidade é desejo anunciarão com entusiasmo Deleuze e Guattari.

O desejo é um conceito que sempre fez parte da história da filosofia, Deleuze e Guattari não o inaugura, mas fazem uma releitura do conceito, libertando-o das amarradas de uma filosofia tradicional platônica e da psicanálise freudiana que insiste em dar ao desejo um lugar de negação, uma falta, impotência, para inseri-lo em uma filosofia da diferença, desejo como produção, afirmação, uma clara crítica a noção proposta pela psicanálise, que tenta enclausurá-lo como uma ausência originária “A falta é um contra efeito do desejo, depositada, arrumada, vacuolizada no real, natural e social” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 44) limitada ao complexo familiar edipiano.

A psicanálise, de um modo geral, sempre pensou o desejo como falta, ausência. No bojo do pensamento psicanalítico o sujeito é um ser desejante, ele deseja empregos, amores, bens, paixões, tecnologias, conhecimentos, saúde... Porém, a busca por esse desejo não é contemplada em sua totalidade, o sujeito não se completa no desejo, há sempre uma parte que falta, um vazio, um silêncio (SILVA, 2000).

Tenta-se a todo custo silenciar o objeto sob o signo dos fantasmas ou fantasmático, da castração, da carência, mas “nada falta ao desejo, não lhe falta o seu objeto (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 44), a falta não constitui o campo de imanência ao desejo, pois a carência imbricaria ao desejo um lugar de origem, um ponto de partida, uma paisagem, uma memória ou até mesmo uma lei que institui um significante

No livro “O anti-Édipo” Deleuze e Guattari dirão que o desejo não é falta, e sim produção, gozo e não castração, afirmação pura da diferença, do real “se o desejo é produtor, ele só pode sê-lo na realidade, e de realidade” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 43), isto é, o desejo enquanto produção não se reduz a uma substância faltante originária, cujo produto é uma restrição ao fantástico “nada falta ao desejo, não lhe falta o seu objeto. É o sujeito, sobretudo, que falta ao desejo, ou é o desejo que falta sujeito fixo; só há sujeito fixo pela repressão” (DELEUZE; GUETTARI, 2010, p. 43).

O esforço dos autores para retirar o desejo da negação consiste em afirmar um investimento do desejo que circula em todo o campo social, não apenas no complexo edipiano “pai-mãe-filho”, isto porque não há separação entre o libidinal e econômico dirão Deleuze e Guattari, uma vez que “a energia investida no social não precisa ser dessexualizada ou sublimada para fazê-lo” (SILVA, 2000, p. 31).

A crítica deleuzeguattariana ao desejo psicanalítico reside, pois, na redução dos investimentos libidinais somente ao triangulo edipiano familiar. É preciso ter em vista que os autores não negam a participação da família e das experiências infantis na constituição do significante, todavia “essas correlações são furtivas entre os agentes coletivos” (CORRÊA, 2006, p. 11).

O desejo, portanto, não é uma substância faltante, na medida em que a falta pressupõe um lugar de objeto, também não é carência e sim excesso, transbordamento “O desejo é máquina, objeto do desejo é também máquina conectada, de modo que o produto é extraído do produzir e algo se destaca do produzir passando ao produto e da dando um resto ao sujeito nômade e vagabundo [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 43). Desejar não pressupõe uma busca incansável do sujeito por algo que não lhe pertence por natureza, uma busca pelo perdido, desejar é, antes de tudo, uma afirmação daquilo que possui, desejar a máxima potência do infinito.

A sexualidade como desejo é um exercício corporal e desejanter (BRITO, 2015), ela está em toda parte “na maneira como um burocrata acaricia os seus dossiês, como um juiz distribui justiça, como um homem de negócios faz circular o dinheiro, como a burguesia enraba o proletariado. E não há necessidade de recorrer a metáforas, tal como a libido não recorre a metamorfoses.” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 382).

Deleuze e Guattari (2010) criticam uma sexualidade produzida a partir de um antropomorfismo. Para os autores o que há é uma transexualidade microscópica, produção de desejo em liames provocativos que subvertem as linhas molares, ou fixidez dos sexos. Uma sexualidade maquinada em inconsciente libidinal, atravessado pelo social, sem interpretações ou simbolismo sexual. Se a psicanálise investe todo um esforço para busca verdades sobre a sexualidade no interior do “Sujeito”, Deleuze e Guattari afirmarão que a sexualidade somente será experimentada na exterioridade, na superfície, nas bodas e nos liames dos corpos com o social e o econômico (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

A sexualidade, enquanto manifestação de um desejo produtivo está relacionada com as singularidades, as individuações, ou para pensar com Santos e Brito (2017, p. 89), “criações a partir da plasticidade dos corpos. Desfazem formas, seguem por trajetos errantes, traçam linhas e mapas abertos sem moldes ou contornos definidos”. Deleuze e Guattari buscam inspiração nos estudos de Gilbert Simondon, acerca do conceito de individuação. Segundo Simondon (2003), rompendo com as concepções demasiadamente tradicionais que pensam o sujeito como uma matéria já constituída, estável e monolítica, o ser “dobrasse e defasa individuando-se...” (SIMONDON, 2003, p. 102).

Assim, a sexualidade como desejo para Deleuze e Guattari não estará presa a uma unidade, uma identidade ou estrutura, mas, antes de tudo forças que movimentam o sujeito, dobrando-se, desdobrando-se e individuando-se... sempre em outra coisa, uma multiplicidade de vidas. É nesse sentido que noção de desejo como produção será conectada ao conceito de devir na obra Mil Platôs, no qual Deleuze e Guattari, operam uma teoria das multiplicidades, o desejo é devir, nesta pesquisa não entraremos nos pormenores da questão, o que importa destacar aqui são as individuações e seus liames

com a sexualidade, na medida em que as linhas que tecem o conto “*Sargento Garcia*” apresentam um campo intensivo de fluxos de desejo e devires, já que a trama é recheada de encontros, linhas de fuga, afetos...

A sexualidade como desejo produtivo movimenta os personagens no enveredamento para criar, construir saída e movimento. No encontro amoroso com Hermes, Sargento Garcia cria linhas de fuga na imagem do militar, coloca-a em deriva, em nome do desejo de experimentar o corpo de Hermes, uma sexualidade que está em trânsito, movimentada pelos encontros, neles os personagens alimentam-se um do outro, extraindo as sensações, os amores, as paixões, lançando-se no mar das incertezas, e assim vão “vivendo, dando-se aos afetos, às forças do mundo, aos encontros, pois tudo isso faz com que a vida seja possível” (BRITO, 2015, p. 320).

Hermes é arrastado pelas forças do desejo para aquele encontro, uma força vital que nem ele entendia “Vontade de parar, eu tinha, mas o andar era incontrolável, a cabeça em várias direções, subindo a ladeira atrás dele...” (ABREU, 2015, p. 124). Agora, no quarto de uma pensão, sozinhos, longe dos olhares conservadores, Hermes e Sargento Garcia dão aos seus corpos toda uma potência de experimentação, traçam mapas de intensidades, linhas de fuga no sexo tradicional, desorganizando todas as estruturas biológicas e sociais inscritas sob o corpo orgânico que funcionaliza os órgãos masculinos e femininos de reprodução.

Nessa perspectiva surge o conceito deleuzeguattariano de “Corpo sem Órgãos” (CsO), visto que não é possível pensar o desejo desvinculado do “Corpo sem Órgãos”, pois é somente sobre ele que o desejo produz. O desejo produtivo, livre, imanente é sobre o “Corpo sem Órgãos”, nele se distribui. O CsO é um corpo destituído de rosto, de imagem. Trata-se de uma produção conceitual maquinada por Deleuze e Guattari no “O anti-Édipo”. Não é uma declaração de uma guerra aos órgãos, mas, sobretudo, um combate a organicidade, a função e a estrutura, em nome dos afetos, da potência, da multiplicidade e da experimentação (DELEUZE; GUATTARI, 2010). No “Corpo sem Órgãos” a interpretação dá lugar à experimentação, não é possível pensar o CsO da experimentação (CORRÊA, 2006), nele as intensidades circulam, vibram, desarranjam as estruturas. É por ele que passam os devires, as cores, os sons, os fluxos.

Os autores empregam todo um esforço para afirmar um corpo plástico, resistente que não se subjeta a maquinaria social com suas normas e leis de julgamento, um *corpo-fluxo*, *corpo-corte*, *corpo-processo*, *corpo-movimento*, um corpo que é desorganizado, desarranjado. A sexualidade como desejo não quer ser interpretada, mas experimentada. É preciso retirá-la dos ergástulos interpretativos, do simbolismo, da representação, afirmando-a como multiplicidade, optando “pela diferença em contraposição ao uniforme; preferir os fluxos em detrimento das unidades identitárias; “os agenciamentos móveis aos sistemas” (SILVA, 2000, p. 12). O desejo é a instância produtiva encarregada da missão de produzir novos arranjos “desejar é construir um agenciamento, construir um conjunto” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 28), novas combinações. O desejo desaba as moléculas do corpo para produzir outros arranjos num plano de imanência.

Assim, o desejo produz outros arranjos no corpo dos personagens, outras sexualidades, outras funções para os órgãos, desorganizando as estruturas socialmente demarcadas e produzindo novos existenciais, forças vitais sobre um corpo, não mais orgânico, mas sem órgãos. Hermes, sentado na cama é convidado a tirar a roupa:

“Joguei as peças, uma por uma, sobre o assoalho sujo. Deitei de costas (...); Então um corpo pesado caiu sobre o meu d uma boca molhada, uma boca funda feito poço, uma língua ágil lambeu meu pescoço, entrou no ouvido, enfiou-se pela minha boca, um choque seco de dentes, ferro contra ferro, enquanto dedos hábeis desciam por minhas virilhas inventando um caminho novo (...); com os joelhos, lento, firme, ele abria caminho entre as minhas coxas, procurando passagem (...); Quis gritar, mas as duas mãos se fecharam sobre a minha boca. Ele empurrou, gemendo (...); Com um movimento brusco do corpo, procurei jogá-lo para fora de mim (...); Agarrei o travesseiro com as duas mãos, e num arranco consegui deitar novamente de costas (...); Comprimi o corpo inteiro contra o meu (...); Quis empurrá-lo outra vez, mas entre o pensamento e o gesto ele juntou-se ainda mais a mim, e depois um gemido mais fundo, e depois um estremecido no corpo inteiro, e depois um líquido grosso morno viscoso espalhou-se pela minha barriga. Ele soltou o corpo (...)” (ABREU, 2015, p. 127-128).

Boca, Língua, Mão, Sexo, Seio, ânus, cheiros, gemidos, corpos em devir. Na narração do encontro sexual entre os personagens há toda uma desfuncionalização dos órgãos originais, boca – alimentar; mão - tatear; língua - paladar; seio - amamentar; ânus – excreção; pênis - reproduzir; Há todo um embaralhamento na organicidade do corpo e,

principalmente, nas formações discursivas representacionais que os atravessam, tornando o corpo um espaço intensivo.

Corpo-Hermes, Corpo-Garcia, Corpo-intensidade abertos a experimentação das potências criadoras de existenciais em meio ao deserto da vida, resistência a um modelo instituído, fissuras nas concepções demasiadamente conversadoras. Singularidades que encontram no “outro” forças vitais para inventar um modo de existência.

Hermes, ainda abalado pelos acontecimentos daquela tarde, foge:

“Quando ele estendeu a mão para o bolo de papel higiênico, consegui deslizar o corpo para a beirada da cama, e de repente estava no meio do quarto enfiando a roupa, abrindo a porta, olhando para trás ainda a tempo de vê-lo passar um pedaço de papel sobre a barriga (...); E antes que erguesse os olhos afundei no túnel escuro do corredor, a sala deserta com suas flores podres (...)” (ABREU, 2015, p. 129).

O encontro amoroso entre os personagens é marcado pelo efêmero, cada um segue seu caminho, seu próprio trajeto, sem trocar nomes, telefones ou endereços ou um futuro certo. Não há demarcações de territórios ou identidades fixas. O que há de mais potente no conto é a potência de produzir fissuras, dentro e fora do espaço ficcional, zonas de experimentação, intensidade, afetos que colocam em prova um novo olhar sobre a sexualidade, agora desejante, inscrita sobre um corpo sem órgãos, desarranjando as estruturas orgânicas do corpo biológico, produzida pela potência dos encontros com o outro, com a literatura, com música, consigo mesmo. Um encontro intensivo, um encontro que muda algo, produz abalos, movimenta para outros mundos possíveis. Esse parece ter sido o caso de Hermes, aquele encontro casual com um homem desconhecido, despertou no personagem uma fera que estava adormecida e provavelmente não voltará a dormir, como o próprio personagem narra em um dos momentos de epifania no retorno para casa.

Como se eu estivesse na janela de um trem em movimento, tentando apanhar um farrapo de voz na plataforma da estação cada vez mais recuada, sem conseguir juntar os sons em palavras, como uma língua estrangeira, como uma língua molhada nervosa entrando rápida pelo mais secreto de mim para acordar alguma coisa que não devia acordar nunca, que não devia abrir os olhos nem sentir cheiros nem gostos nem tocos,

uma coisa que deveria permanecer para sempre surda cega muda naquele mais de dentro de mim, como os reflexos escondidos, que nenhum ofuscamento se fizesse outra vez, porque devia ficar enjaulada amordaçada ali no fundo pantanoso de mim, feito bicho numa jaula fedida, entre grades e ferrugens quieta domada fera esquecida da própria ferocidade, para sempre e sempre assim. Embora eu soubesse que, uma vez despeita, não voltaria a dormir (ABREU, 2015, p. 131).

## **Deslizamentos...**

Somos convidados por Caio Fernando Abreu a nos tornarmos um estrangeiro em nosso próprio território, pois somente assim seremos capazes de criar nossos outros modos de existência, levando o corpo à máxima experimentação da vida. O desejo é um vulcão em erupção, um mar revolto, uma flecha rasante que corta o vento, não pela necessidade de encontrar um alvo, mas pelos ruídos que emite por onde passa. No conto “Sargento Garcia” o desejo desarranja todas as estruturas socialmente construídas na vida de Hermes e Garcia, movimentando-os, impulsionando-os a criar saídas, linhas de fuga para inventar para experimentar outras sexualidades, atravessada pelo fora, pelos investimentos, econômicos e sociais que não cessam de produzir outros arranjos, desorganizar os corpos, as vidas, as estruturas. Sexualidades produzidas nas dobras do (im)possível, nas potências singulares, nas individuações.

A literatura de Caio Fernando Abreu opera pelas bordas, criando aberturas dentro e fora do espaço ficcional, um pensamento que cria saídas, linhas de fugas, para não se deixar capturar pelos regimes totalitários que visam à unidade, a estrutura, o orgânico. De caminhos fluídos, da gagueira na língua e na fala fragmentada, de um povo ainda por vir, do não-dito e das imprecisões, de resíduos e das bordas emerge a literatura de Caio Fernando Abreu. Uma máquina de múltiplas entradas e muitos becos, inclusive sem saída, uma máquina que busca a experimentação de si, ainda que seja no outro. O funcionamento dessa literatura é sempre um corte, um fluxo. Uma paixão pelas palavras, mas que há também um desejo de esvaziá-las das suas significações, processando toda uma lógica do sentido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, C. Fernando. Morangos mofados. Nova Fronteira, 2015.

BARBIERI, M. B. A desterritorialização em “Os passos perdidos” de Alejo Carpentier. 2015. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de São Paulo.

BRITO, M. R. Entre as linhas da educação e da diferença. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015.

CORRÊA, S. L. Análise da crítica de Deleuze e Guattari à noção psicanalítica de sexualidade como modo de constituição da subjetividade . 2006. 155 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O que é a filosofia? São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil Platôs. Vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 2013.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Kafka: por uma literatura menor. Ediciones Era, 1997.

DELEUZE, G.; PARNET, C. Diálogos. São Paulo: Escuta, 1998.

FORSTER, G. Devir-revolucionário nos escritos de Caio Fernando Abreu e de Reinaldo Arenas: traçados de um encontro (por vir). 2015. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria.

SANTOS, H. S. S; BRITO, M. R. Sexualidades na escola: desejos em fragmentos de papel. Variações Deleuzianas: Educação, ciência, arte e... 1ª ed. São Paulo: LF, 2017, v. 1, p. 57-71. 2017.

SILVA, C. V. O conceito de desejo na filosofia de Gilles Deleuze. 2000.

SIMONDON, G. A gênese do indivíduo. Cadernos de Subjetividade: O Reencantamento do Concreto, p. 97-117. 2003..

## **SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:**

### **1. DHEMERSSON WARLY SANTOS COSTA**

Formado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Pará. Atualmente mestrando em Educação em Ciências pelo Instituto de Educação Matemática e Científica, vinculado ao grupo de pesquisa em Cultura e Subjetividade, atravessando a Literatura e a Filosofia nas pesquisas em educação.

### **2. MARIA DOS REMÉDIOS DE BRITO**

Professora da Universidade Federal do Pará. Formada em Licenciatura em Pedagogia e Filosofia. Doutora em Filosofia da Educação. Pós Doutora em Educação pela Universidade de Campinas-UNICAMP. Trabalha com temas sobre Filosofia da diferença e educação; Subjetividade e Educação; Formação; Transversalidade.